

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i24.46220>

Ensaio recebido em: 16/12/2022

Ensaio aprovado em: 08/05/2023

Ensaio publicado em: 26/06/2023

PALADAR E ALTERIDADE EM “A PAIXÃO SEGUNDO G.H.”

entre filosofia, nutrição e literatura

TASTE AND OTHERNESS IN “THE PASSION ACCORDING TO G.H.”

between philosophy, nutrition, and literature

Ana Luiza Ferreira Benedetto¹

(analuzabenedetto@gmail.com)

324

Resumo: Este ensaio pretende elaborar as relações possíveis entre os campos da alimentação, da experiência gustativa e o encontro com a alteridade na obra “A Paixão Segundo G.H.”, de Clarice Lispector. A partir de múltiplos referenciais da teoria literária, psicanálise, filosofias descoloniais, fenomenologia, nutrição e filosofias do gosto, procurou-se demonstrar que o conflito com o *outro* é o processo fundamental para o estabelecimento do Eu; e de que forma a experiência humana da alimentação e dos sentidos do gosto são campo privilegiado para esse evento. Analisou-se, também, os processos discursivos empregados por Lispector para dar conta da inquietação humana frente ao desconhecido e do impulso primordial de integração, absorção e incorporação daquilo que está para além do sujeito.

Palavras-chave: Lispector. Filosofia do gosto. Alimentação. Alteridade.

Resume: This essay intends to elaborate the possible relations between the nourishment field, the experience of taste, and the encounter with otherness in Clarice Lispector’s novel “The Passion According to G.H.”. Through multiples references from literary theory, psychoanalysis, decolonial philosophies, phenomenology, nutrition, and philosophies of taste, it tried to demonstrate that the conflict with the *other* is a fundamental process for the establishment of the Self; and from which ways the human experience of nourishment and taste are a privileged field to this event. It also analyzed the discursive processes used by Lispector to embrace the human uneasiness towards the unknown and the primal impulse of integration, absorption, and incorporation of what is beyond the subject.

Keywords: Lispector. Philosophy of taste. Nourishment. Otherness.

“Engolir: não é verdadeiramente a transação que faz o em-si passar ao para-si?”
Gaston Bachelard

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9965235887181738>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9126-3014>.



INTRODUÇÃO

A alimentação e as experiências gustativas são signos que percorrem toda a obra de Clarice Lispector, seja em contos, romances ou crônicas. Os hábitos alimentares, os sentidos do gosto (paladar e olfato) e as múltiplas facetas da fome aparecem com destaque em muitos textos e agem como “mola propulsora” (PFEIFER, 2009, p. 139) das narrativas e acontecimentos.

A alimentação é condição necessária para a perpetuação da vida, mas não só. Muito mais do que a ingestão de nutrientes, ela não se finda no controle dos mecanismos biológicos de fome-saciedade. O que, onde, quanto, como, quando, com quem se come são aspectos centrais da cultura alimentar que moldam a relação dos sujeitos com a comida (BRASIL, 2014, p. 15).

O humano é um bicho que exige simbolização. As práticas alimentares – assim como as práticas sexuais – adquirem sentidos, rituais e significados que extrapolam o ato de comer, justamente porque são aspectos centrais da experiência do corpo humano² na relação com o bioma que o cerca. A fome, nesse sentido, não se apresenta como um “alarme fisiológico”, mas como a expressão de um desejo, força pulsional, a partir do qual inventa-se um modo próprio de atender a esse desejo: a cultura alimentar. Sobre este aspecto, Michel Onfray comenta no livro “A razão gulosa: filosofia do gosto”:

O desejo, sabemo-lo, flutua entre júbilo e necessidade, gozo e precisão... Não existe apetite, em todos os sentidos do termo, sem a falta, sem o vácuo por preencher. A alimentação é o mesmo que uma metáfora possível da necessidade por ser saciada. Comer é acalmar um corpo que faz saber o quanto o atormenta a perda da energia consubstancial à vida, no que ela tem de mais sumário. *A partir dessa necessidade natural, os homens elaboraram uma possibilidade cultural: a arte de se alimentar.* (...) Longe de decodificar o apetite³ com alarme fisiológico que designa e denuncia o início de uma requisição das reservas do corpo, o homem que tem fome só percebe um desejo, no começo aceitável, depois cada vez mais doloroso se lhe falta a satisfação (ONFRAY, 1999, pp. 88-89, grifo meu).

² “Toda existência do homem decorre do binômio estômago e sexo. A fome e o amor governam o mundo, afirmava Schiller (...). O sexo pode ser adiado, transferido, sublimado noutras atividades absorventes e compensadoras. O estômago não: é dominador, imperioso, inadiável” (CASCUDO, 1967, p. 7).

³ Para Onfray, que trabalha a partir da concepção de Brillat-Savarin, “fome” e “apetite” são sinônimos; partirei desse pressuposto no ensaio. No entanto, é comum no campo da nutrição o uso de “fome” para designar subalimentação ou insegurança alimentar, ou seja, “a impossibilidade de satisfazer o instinto de fome” por razões políticas, sociais e/ou econômicas (SILVA, 1997, p. 13).



Esse enlaçamento do desejo no corpo faminto está bastante presente na escrita de Clarice Lispector. Na tese “O texto e a nutrição: corpos que (se) comem em Clarice Lispector”, Patrícia Silva categoriza as dimensões corporais nos textos clariceanos de três formas: corpo biológico, muscular e erógeno (1997, p. 12). A primeira diz do corpo da fisiologia, corpo-máquina cuja necessidade por energia é impositiva. A segunda diz do corpo em movimento, aquele que trabalha e modifica o mundo em sua volta, fome de fazer. A terceira diz do corpo pulsional, aquele capaz de desejar para além de uma suposta racionalidade ou saciedade. Todas essas dimensões, nos escritos de Clarice, são atravessadas e atravessam o universo da alimentação. A fome biológica, a fome muscular e a fome erógena inscrevem os corpos em relações simbióticas, laboriosas e destrutivas com o mundo ao redor.

Ora, sobre dimensões corporais, é importante lembrar que o prazer oral é o iniciador do filhote humano, simultaneamente, na sexualidade e na alimentação. Através da amamentação e do prazer da sucção que o bebê constrói parâmetros de satisfação corporal-sexual⁴. É o gosto do leite materno que dá o parâmetro para interpretar o sabor dos alimentos a partir dos seis meses de idade⁵. Também é pela boca que a criança apreende a existência de suas próprias bordas (ao colocar mãos e pés na boca) e de algo para além do seu corpo (primeiro o seio, depois outros objetos/pessoas). Só assim é possível construir a percepção disso que pode ser chamado de “eu”, só depois desse processo é possível o bebê imprimir sua marca no mundo. O desenvolvimento das dimensões biológica, muscular e erógena do corpo começa pela boca, é o circuito mão-boca a principal via de reconhecimento e assimilação do exterior nos filhotes humanos. Sobre isso, Claire Williams comenta:

A criança só considera reais as coisas que consegue pôr na boca (...). Aliás, ao comer, a fronteira entre o interior e o exterior do corpo é atravessada, ou transgredida, por um objecto alheio que logo é incorporado, contribuindo, desta maneira, para a construção da subjetividade (WILLIAMS, 1999, p. 30).

Essa fronteira é composta pelos furos do rosto: a boca e o nariz, o caminho de fora para dentro do corpo humano. Comparados com os outros três sentidos, o paladar e o olfato são os

⁴ “A primeira gratificação que a criança obtém do mundo externo é a satisfação que obtém ao ser alimentada. A análise demonstrou que apenas parte dessa satisfação resulta do alívio da fome e que outra parte, igualmente importante, decorre do prazer que o bebê sente quando sua boca é estimulada ao sugar o seio da mãe. Essa gratificação é um elemento fundamental da sexualidade da criança – na verdade, é sua expressão inicial.” (KLEIN, 1996, p. 331).

⁵ “O leite materno pode variar também de sabor de acordo com a alimentação da mulher. Por meio do leite materno, o bebê entra em contato desde cedo com os sabores dos alimentos ingeridos pela sua mãe, que influencia positivamente as reações da criança quando ela começar a recebê-los a partir dos 6 meses de idade” (BRASIL, 2019, p. 26).



únicos capazes de embaralhar os limites entre sujeito e mundo. A visão e a audição precisam de alguma distância em relação ao objeto para estabelecerem-se – o espaço de propagação da luz e do som –; o tato precisa do *contato*, a proximidade entre pele e coisa. Já o paladar age em busca da *assimilação*: é o portal de reconhecimento da matéria que será desintegrada, para assim podermos absorvê-la. O olfato, sob essa classificação, é um sentido híbrido: pode precisar ou não da proximidade com o objeto (depende do tipo de substância odorífera, da facilidade com que se dissipa pelo ar) e traz para dentro sem a destruição.

Por mais que os sentidos possam ser categorizados dessa forma, comer é uma das poucas experiências estéticas⁶ capaz de comungar todos eles. Mesmo que o fim, ou o ápice, sejam os sentidos do gosto e a satisfação da fome/apetite, não é possível negar o papel da visão, audição e tato no ato de alimentar-se⁷. É essa sinestesia que leva à integração do sujeito com a comida através do metabolismo, e Clarice Lispector sabia disso com muita clareza. Tanto nos contos “A Repartição dos Pães” (1999, p. 27) e “O Jantar” (1974, p. 78), por exemplo, quanto em “A Paixão Segundo G.H.”, visão, tato e paladar são constantemente mesclados no ato de comer e remetem a uma investigação sensível fundamental do estrangeiro, da matéria, do inumano, do que está fora e logo será incorporado.

327

A literatura clariceana gira em torno dessa conexão entre o eu e o outro, as dinâmicas de identidade e a alteridade, a forma como os sujeitos modulam-se no encontro com o que lhes é estranho. Assim, o campo da alimentação e do gustativo trazem ferramentas discursivas importantes. “O ato de comer (...) é o operador por excelência da assimilação entre sujeito e mundo e entre *eu* e *outro*” (PONTIERI, 2000, p. 333). No romance “A Paixão Segundo G.H.”, a escritora leva essa reflexão a outros patamares. A seguir, veremos de que forma as figuras do *outro* estão presentes na narrativa, como a protagonista G.H. relaciona-se com elas e constrói (ou destrói?) sua identidade a partir disso; e quais os papéis do gosto, da boca e da alimentação nessa trama.

1 EU E A OUTRA

⁶ Estética como o campo do conhecimento sensorial em geral.

⁷ Por exemplo: o som de mastigar um alimento crocante, a experiência de comer com as mãos (frutas, sanduíches, comidas de rua etc.), a incitação do apetite só de ver a comida ou uma imagem de comida. O ato de comer pode ser uma experiência sensorial completa, para além do paladar e olfato.



Antes das espirais sinestésicas tomarem os holofotes da prosa do romance em questão, a personagem principal narra uma experiência de alteridade que dá início à dissolução de sua “montagem humana” (LISPECTOR, 2009, p. 11): a diferença de raça e classe. G.H., mulher branca que mora na cobertura de um prédio no Rio de Janeiro, prepara-se para arrumar o quartinho de empregada após demitir a funcionária negra Janair. Pensa que irá encontra-lo imundo, bagunçado e cheio de jornais amontoados. Mas, para sua surpresa, a patroa encontra o quarto limpíssimo, quase estéril.

Além do espanto diante da higiene e organização que Janair deixou o quarto, G.H. defronta-se com um mural na parede: feito de carvão; com desenhos de um homem, uma mulher e um cachorro; todos nus, rígidos como múmias, os olhos fixos a frente. G.H. fica desconcertada, a marca deixada pela ex-empregada fez com que se sentisse uma estrangeira em sua casa. Ao mesmo tempo que há estranhamento, há uma identificação com a figura imóvel da mulher, G.H. percebe-se vista de fora. A narradora – que custou a lembrar do nome e do rosto de Janair – depara-se com o julgamento de uma subalterna, com o “silencioso ódio” daquela mulher que antes era invisível.

328

Havia anos que só tinha sido julgada pelos meus pares e pelo meu próprio ambiente que eram, em suma, feitos de mim mesma e para mim mesma. Janair era a primeira pessoa realmente exterior cujo olhar eu tomava consciência (LISPECTOR, 2009, p. 39).

Sueli Carneiro, na introdução da tese “A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser”, fala a partir do “lugar da escrava” e “dos excluídos da res(pública)” sobre a dinâmica ontológica para a edificação do “Eu hegemônico”, que se estabelece como sujeito a partir da objetificação de um outro:

Tu [Eu hegemônico] te encontras encastelado na contemplação da Ideia que tens do mundo e eu, anjo caído, residente nesse mundo, te convido a olhá-lo com olhos que te permitam ver nele a tua face refletida. Só eu posso te ofertar esse olhar no qual a plenitude do seu ser se manifesta (CARNEIRO, 2005, p. 21).

Neste sentido, é através do olhar de Janair, pela subjetividade desse outro objetificado e renegado da república, que G.H. pôde dar-se conta da posição de Eu hegemônico que ocupa. Quando é colocada no lugar da outra, e vivencia esse mal-estar, G.H. tem a oportunidade de despír-se da suposta universalidade e estabilidade da sua experiência



de mundo. O rastro deixado por Janair no quarto rompe com as máscaras e os simulacros da branquitude endinheirada que a protagonista teima em sustentar.

O quarto divergia tanto do resto do apartamento que para entrar nele era como se eu antes tivesse saído de minha casa e batido a porta. (...) [Ele] era uma violação das minhas aspas, das aspas que faziam de mim uma citação de mim. *O quarto era o retrato de um estômago vazio* (LISPECTOR, 2009, pp. 41-42, grifo meu).

Se analisarmos pelas lentes de Lélia Gonzales, que define o racismo como sintoma da neurose cultural brasileira⁸, o quarto de empregada é o lugar privilegiado do recalçamento da violência colonial, em nome do semblante da democracia racial. Não é possível ignorar os laços históricos que inscrevem o *quartinho* da empregada como continuidade das senzalas, das mucamas às domésticas (GONZALES, 2020, p. 36 e 40). Na narrativa clariceana, essa neurose apresenta-se de forma clara: G.H. não entrava no quarto há seis meses – tempo que Janair morou lá –, descreve o cômodo como “a cauda do apartamento” (LISPECTOR, 2009, p. 33), “*bass-fond*⁹ de minha casa” (LISPECTOR, 2009, p. 36). É um cômodo esquecido, precocemente assumido como sujo e bagunçado, o lugar da ralé... recalçado, enfim. E é justamente neste espaço que a protagonista prestará contas ao seu narcisismo, quando percebe que não é senhora dentro do próprio apartamento¹⁰. Primeiro por meio da colocação de Janair, a quem G.H. designara o lugar de inferioridade; posteriormente pela barata, a alteridade radical pelo inumano. “E agora eu entendia que a barata e a Janair eram os verdadeiros habitantes do quarto” (LISPECTOR, 2009, p. 48).

329

2 VIOLÊNCIA, MORTE E SABOR DE SI

A partir do estômago vazio do quarto deixado pela antiga empregada, G.H. busca sanar sua fome. Mas que fome é essa? Uma fome violenta. G.H. estava colérica, a raiva era a resposta ao mal-estar instaurado. Tinha sede de morte (LISPECTOR, 2009, p. 43).

⁸ “Ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma por que isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalçamento” (GONZALES, 2020, p. 64).

⁹ Expressão utilizada para designar camadas “degradadas” da sociedade, escória. Em tradução literal, seria como abaixo do fundo, submundo.

¹⁰ Peço licença a Freud, pela adaptação da frase original: “a mania de grandeza humana deve sofrer da pesquisa psicológica atual, que busca provar ao Eu que ele não é nem mesmo senhor de sua própria casa” (2014, p. 304).



Este mal-estar que G.H. vivencia, o estranhamento ao ver-se representada por Janair, pode ser chamado de *Infamiliar* (FREUD, 2019, p. 48). Este conceito freudiano (*unheimlich*) teve muitas traduções: inquietante, estranho familiar, sinistro, incômodo. Independente da opção escolhida, o termo em alemão evoca – ao mesmo tempo – o sentido de algo estranho e familiar: algo que é confortável, íntimo, mas também obscuro, perturbador (FREUD, 2019, p. 52). Desperta angústia e temor na mesma medida que gera um certo fascínio. Essa ambiguidade semântica é essencial para o conceito freudiano: o *infamiliar* é o sentimento que surge quando entramos em contato com um afeto que foi recalcado. “*Infamiliar* seria tudo que deveria permanecer em segredo, oculto, mas veio à tona” (FREUD, 2019, p. 53). Aquilo que aparece como estranho, estrangeiro, mas que remete ao mais íntimo do psiquismo, afastado da consciência pelo recalçamento.

G.H. primeiro reage ao *infamiliar* com tentativa de afastamento. Quer limpar o desenho, reorganizar o quarto, sair da posição de outra observada por Janair, retornar ao conforto do narcisismo. Quer retomar as rédeas da sua vida, num impulso reativo. Quando, enfim, abre o armário e de lá sai uma barata, objeto de seu “arcaico horror” (LISPECTOR, 2009, p. 46), e então não tinha mais volta. “Estremeci de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce. (...) eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar.” (LISPECTOR, 2009, p. 52).

Na doçura infinita do desejo de matar, G.H. se entrega sem moral e sem pudor. Dá um golpe e fecha a porta do armário na barata. A vontade de matar é doce, mas a consciência de que se matou é amarga, metálica. Ao perceber-se como capaz de matar, G.H. questiona-se sobre suas ações. A consciência de si é percebida como um sabor, toma a boca e impõe seu sentido: que a violência é o íntimo do humano:

É que nesses instantes, de olhos fechados, eu tomava consciência de mim assim como se toma consciência de um sabor: eu toda estava com sabor de aço e azinhavre, eu toda era ácida como um metal na língua, como planta verde esmagada, meu sabor veio todo à boca. Que fizera eu de mim? Com o coração batendo, as têmporas pulsando, eu fizera de mim isto: eu matara (LISPECTOR, 2009, p. 53).

O gozo pela morte tirou G.H. da segura e do desconforto do quarto estéril, devolveu a umidade e a vida. A barata abriu o acesso a um mundo tão desconhecido quanto particular, que nos distanciamos em nome da civilização e de uma organização do Eu



(ROSENBAUM, 1999, p. 202). A violência é uma verdade humana escondida, e tem sabor de verde ácido.

O uso das metáforas alimentícias e gustativas, neste ponto do romance, ainda é tímido, mas decisivo: é o estômago vazio do quarto, a náusea seca, o sabor do desejo, o sabor de si. Do vazio, para o enjoo, para o paladar, G.H. vai pouco a pouco experimentando a sensação do *infamiliar*, como que preparando o terreno para o ápice da sua experiência de alteridade: o gosto do neutro. Parece que Lispector constantemente busca atíçar a fome do leitor, apresentando o percurso gustativo de G.H. com paciência e mistério.

De volta à estória, para o espanto da narradora, a barata não havia morrido: ela estava presa, com suas entranhas para fora, mas viva. Quando G.H. ia dar o golpe final, ela viu a cara da barata, e nesse instante elas estavam conectadas. Pela primeira vez ela realmente viu uma barata: a boca, os olhos, as cascas, os cílios... numa perspectiva cada vez mais próxima, Clarice Lispector obriga o leitor a acompanhar G.H. na jornada angustiante de aproximação da alteridade fundamental. Um inseto, sujo, com as entranhas de fora. “Mas reconhecia, num esforço imemorial de memória, que já havia sentido essa estranheza: era a mesma que eu experimentava quando via fora de mim o meu próprio sangue e eu o estranhava” (LISPECTOR, 2009, p. 58).

331

A estranheza atraente da barata causa uma curiosidade e um espanto quase infantis na protagonista. Um evento aparentemente cotidiano, matar um inseto que saiu do armário, causa uma epifania e inaugura um ponto de vista novo. Antes ela olhava, agora ela via. É o espanto e o estranhamento que nos tira do fluxo banal da existência. G.H. saía de seu mundo para entrar no mundo. (LISPECTOR, 2009, p. 62). Quanto mais ela via a barata, mais ela era seduzida para o cerne, para a dissolução das suas certezas humanas. G.H. reconhecia algo de si na barata, algo inerente ao vivo, e pôde ver sua intimidade exteriorizada. “Eu, corpo neutro de barata, eu com uma vida que finalmente não me escapa pois enfim a vejo fora de mim (...). Sou o silêncio gravado numa parede (...). É um silêncio de barata que olha. O mundo se me olha” (LISPECTOR, 2009, pp. 64-65). A barata dá continuidade à experiência desse olhar de fora que o mural de Janair iniciou.

O humano esquece com facilidade que também é bicho e que faz parte do mundo. É preciso afastar essa realidade, a civilização e a domesticação dos corpos se impõem. Mas quando G.H. violenta a barata e a encara de frente entra em contato com sua parte bicho, onde vida e morte dançam e convivem numa harmonia simbiótica.



“Assassinato o mais profundo: aquele que é um modo de relação, que é um modo de um ser existir o outro ser, um modo de nos vermos e nos sermos e nos termos, assassinato onde não há vítima nem algoz, mas uma ligação de ferocidade mútua” (LISPECTOR, 2009, p. 81).

3 O NEUTRO E A IDENTIDADE DAS COISAS

Esse elo de vida e morte é o pilar da relação dos humanos com o mundo e, conseqüentemente, com a alimentação. É no trânsito entre geração e corrupção que sustentamos a “imperiosidade do estômago”, em nome da vida, do prazer e da comensalidade¹¹. Plantar, colher, caçar, abater, conservar, fermentar e cozinhar. Cheirar, mastigar, saborear, beber, engolir, digerir, urinar e defecar. Imprimimos nossa marca no bioma e, no fim, ele nos engole. “Na vida e na morte tudo é lícito, viver é sempre questão de vida-e-morte” (LISPECTOR, 2009, p. 151). Prazer-dor, vida-morte, geração-corrupção são os polos que impelem o desejo humano e nos põe em movimento. Sobre isso, Michel Onfray comenta:

332

Desejo é falta e falta é demonstração da nossa submissão à necessidade de um eterno holocausto: para ser, o corpo precisa ingerir cadáveres, matérias desenraizadas, arrancadas de seu meio, alimentos fermentados, em processo de decomposição, alimentos maturados. O sentido genésico supõe o parentesco do sexo com a morte, do prazer com a dor, da penúria com a abundância, do excesso com a falta (ONFRAY, 1999, p. 89).¹²

Diante dessa realidade violenta da barata mutilada nos fundos do apartamento, G.H. vê-se na necessidade de superar a distância da visão. Desapegando da higiene e da compostura humana, ela curiosamente se questiona sobre o sabor da barata. “Seriam salgados os seus olhos? Se eu os tocasse – já que cada vez mais imunda eu gradualmente ficava – se eu os tocasse com a boca, eu os sentiria salgados?” (LISPECTOR, 2009, p. 76). Despindo-se também das estruturas espaço-temporais, G.H. experimenta a vida no momento do acontecimento, esse

¹¹ “Por comensalidade, entendemos a prática humana de produzir, cozinhar e comer na coletividade” (ROTOLO, 2020, p. 25, nota 16).

¹² A imagem do holocausto trazida por Onfray é curiosa e suscita analogias com o conto “A Repartição dos Pães” de Clarice. Ao descrever o banquete posto para a comemoração do *Shabat*, ela escreve “Não havia holocausto: aquilo tudo queria tanto ser comida quanto nós queríamos comê-lo. Nada guardado para o dia seguinte, ali mesmo ofereci o que eu sentia àquilo que me fazia sentir”. A autora coloca em jogo uma reciprocidade entre comedor e comida, sem violência, sem paixão, só o prazer de comer. “Nunca Deus foi tão tomado pelo que ele é. A comida dizia rude, feliz, austera: come, come e reparte” (LISPECTOR, 1999, p. 29). Ao mesmo tempo que Clarice aborda essa dimensão violenta intrínseca à alimentação, através de G.H., existe uma consciência religiosa da comunhão. Há um equilíbrio tenso entre vítima e algoz, tanto no conto como no romance.



momento impossível de capturar, a fuga de qualquer abstração, a inexpressão viva do nada. “Nunca soubera que a hora de viver também não tem palavra. A hora de viver, meu amor, estava sendo tão já que eu encostava a boca na matéria da vida. (...) A hora de viver é tão infernalmente inexpressiva que é o nada” (LISPECTOR, 2009, p. 78).

O paladar é o sentido para compreender o instante, G.H. sabe disso. Mas como sentir o gosto do nada? A matéria branca que escorria da barata não poderia ser salgada, ou doce, ou azeda, ou amarga, ou *umami*. Qualquer sabor seria um nome, uma representação, e o nome não dá conta da coisa mesma. “O sal era a transcendência que eu usava para poder sentir um gosto, e poder fugir do que eu chamava de ‘nada’. (...) o que a minha boca não saberia entender – era o insosso. O que eu toda não conhecia – era o neutro.” (LISPECTOR, 2009, p. 84)

333 Abandonar a transcendência do sal e sentir o gosto do neutro. Afundar na realidade daquilo que as papilas gustativas não sabem identificar. O insosso da água dá pistas do que seria esse gosto do vivo, anterior a tudo que é humano: a violência do neutro (LISPECTOR, 2009, p.157). E nessa divagação, enquanto G.H. encara a barata, vê em seus olhos dois ovários; e reconhece nela o insosso da vez em que estivera grávida e abortara: “eu já conhecia em mim mesma o olhar brilhante de uma barata que foi tomada pela cintura. (...) Gravidez: eu fora lançada no alegre horror da vida neutra que vive e se move” (LISPECTOR, 2009, p. 91). O momento da expansão da vida é neutro, e a morte é parte da vida.

A temática do corpo feminino pode parecer apenas um detalhe, mas se a questão é sobre a busca pela neutralidade do vivo que nos constitui, como não falar de gravidez? Como não falar de amamentação? Disso Clarice Lispector não escapa. As mulheres carregam no corpo, pela vida ou pela morte, as possibilidades da expansão da matéria. E, lembrando o insosso da gravidez e do aborto, G.H. pôde sentir o gosto do neutro. Na busca de desapegar-se do costume do sal e do açúcar, o gosto do novo era inaugural como o do leite materno:

Era como se antes eu estivesse estado com o paladar viciado por sal e açúcar, e com a alma viciada por alegrias e dores – e nunca tivesse sentido o gosto primeiro. E agora sentia o gosto do nada. Velozmente eu me desviciava, e o gosto era novo como o do leite materno que só tem gosto para a boca da criança. Com o desmoronamento de minha civilização e de minha humanidade (...), com a perda da humanidade, eu passava orgiicamente a sentir o gosto da identidade das coisas. (...) Sentir esse gosto do nada estava sendo a minha danoção e o meu alegre terror (LISPECTOR, 2009, p. 102).

Neste momento, G.H. ainda se preparava para comer a barata, mas o gosto primeiro já estava lá, originário como o leite humano. O gosto de nada desperta a



orgia, assim como a amamentação é a porta de entrada para a sexualidade. É a sexualidade da mãe¹³ iniciando a sexualidade do bebê, não é possível escapar: o gosto do vivo, ao mesmo tempo, gera o erotismo e é gerado por ele. A lembrança do leite materno, esse primeiro alimento anterior à humanidade¹⁴, dá para a protagonista coragem de seguir na sua jornada. “Por que eu teria nojo da massa que saía da barata? não bebera eu do branco leite que é líquida massa materna? e ao beber a coisa que era feita a minha mãe, não havia eu chamado, sem nome, de amor?” (LISPECTOR, 2009, p. 164).

Quanto mais perto G.H. fica de provar a gosma branca que sai da barata, mais frequente são as analogias com a sexualidade, com orgias, com amor: é o desejo perturbador e insaciável de se unir com a barata e experimentar o gosto do vivo. G.H. quer provar o cerne da coisa e para isso ela precisa ultrapassar os condimentos, as palavras, o nojo e a esperança. Sair do plano do humano e entrar no plano da delicadeza das coisas vivas (LISPECTOR, 2009, p. 155). Unir-se com a barata é a redenção. Dissolução do eu humano, apartado da vida e da sua animalidade.

Levantei-me e avancei de um passo, com a determinação não de uma suicida, mas de uma assassina de mim mesma. (...) Era o que se chama de ruim. Muito, muito ruim mesmo. Pois minha raiz, que só agora eu experimentava, tinha gosto de batata-tubérculo, misturada com a terra de onde fora arrancada. No entanto esse gosto ruim tinha uma estranha graça de vida que só posso entender se sentir de novo e só posso explicar de novo sentindo (LISPECTOR, 2009, pp. 164-165).

334

Ora, é no assassinato de si mesma que G.H. se coloca na posição de alteridade radical. A barata é ela, ela é a barata, ninguém sai ileso. Pelo gosto ruim de raiz terrosa, a protagonista é capaz de abrir mão de si mesma e encontrar-se com o originário da vida, neste movimento de estranha graça.

4 O NOJO, O ÚMIDO E A MOLEZA

¹³ Amamentação é um evento da sexualidade feminina. De um corpo que transou, gestou, pariu e agora amamenta.

¹⁴ O tema do leite materno provoca certos questionamentos. Levando em consideração que duas em cada três crianças brasileiras menores de 6 meses são alimentadas com outros tipos de leite (rotineira ou esporadicamente), geralmente leite de vaca modificado acrescido de açúcares e/ou farinhas, a experiência do gosto do neutro está cada vez mais escassa. Como se desenvolve o paladar dessas crianças? Levando em consideração, também, que a licença maternidade prevista em lei é de 4 meses e que até os 6 meses de idade o leite materno é o *principal* alimento do bebê, como garantir o direito dessa mãe de amamentar e o direito do bebê de ser amamentado? Cf.: BRASIL, 2019, p. 7 e 23.



Se normalmente é o apetite que chama o corpo para a ingestão, para G.H. o movimento de comer a gosma branca da barata é contrário: o nojo e a curiosidade pelo grotesco, pelo inumano, pelo cerne da vida que movem a protagonista na sua jornada gustativa. E depois, como consequência do nojo, é o vômito e o cuspe que consagram o encontro de G.H. com a matéria primeira. Ao mesmo tempo que a boca é o caminho de fora para dentro do corpo, pode ser o contrário.

O sentimento de nojo é uma das faces do *infamiliar*: diante do sujo, do sub-humano, do gosmento, do viscoso, do disforme, daquilo que de alguma forma nos remete à lama que nos constitui, ele aparece. Um misto de atração e repulsa. Ao mesmo tempo vertigem e magnetismo do viscoso (BACHELARD, 2001, p. 99). Na narrativa de Clarice, o papel da lama, da gosma, é de resguardar a vida e o nojo é o sentimento guardião dessa verdade: “o nojo me é necessário assim como a poluição das águas é necessária para procriar-se o que está nas águas” (LISPECTOR, 2009, p. 113). G.H. estava no quarto seco, desértico, quando surgiu a barata e, num golpe de violência, abriu as portas para a umidade.

335

(...) o que eu via era a vida me olhando. Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama – era lama, e nem sequer lama já seca, mas lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade (LISPECTOR, 2009, p. 56).

O tema do nojo e da lama é muito caro à Gaston Bachelard no texto “As matérias da moleza. A valorização da lama”. Através de sua *anapsicanálise*, o filósofo propõe que o instinto plástico – instinto primitivo que impele, principalmente o bebê humano, a manusear suas fezes – é uma tentativa de dar alguma forma para esse produto tão íntimo, mas tão estranho. Essa imaginação material da moleza (sublimada com sucesso para além das fezes; através da manipulação de lama, argila, massas moles no geral) tende, no processo civilizatório, endurecer-se (BACHELARD, 2001, pp. 86-88). O nojo surge aí, no endurecimento da imaginação: a matéria mole desperta, então, repulsa, náusea, raiva... o sentimento *infamiliar* de um desejo reprimido. É preciso domesticar o viscoso “pelo ataque indireto de uma matéria seca”, dar forma para a massa que escapa pelo vão dos dedos. A cola, o grude, se tornam insuportáveis e cria-se barreiras para separar as mãos da moleza (BACHELARD, 2001, p. 93). Contudo, é na lama e no gosmento que se perpetua a vitalidade, é a matéria fecunda para a criação: “a matéria viscosa é uma reserva de espíritos vitais (...). As matérias



untuosas atraem para si e conservam as riquezas alimentares, a preciosa umidade radical” (BACHELARD, 2001, p. 99). A potência viva da moleza impõe-se, apesar do nojo.

No romance, G.H. depara-se com a vida pastosa após quebrar o involucro da barata (LISPECTOR, 2009, p. 93), a forma do neutro é a gosma: nem líquido, nem sólido, a moleza disforme que escorre pelas frestas do inseto. E, ultrapassando a imaginação material de Bachelard, G.H. se une com o plasma primordial, engole-o. Com nojo e coragem ela come a máxima alteridade. É na lentidão da lama que acontece o encontro. Essa lentidão está presente, também, na forma como Clarice Lispector arrasta a narrativa e adia o *clímax* de G.H.. O leitor acostumado com a dureza dos romances tradicionais começo-meio-fim, vê-se perdido com a falta de estrutura clariceana. Numa viscosidade angustiante, o leitor passa boa parte do livro em suspenso, na expectativa, imerso na espiral existencial, aguardando o momento em que a protagonista irá engolir a barata. “Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido” (LISPECTOR, 2009, p. 60)

Depois de G.H. ultrapassar, enfim, a estranha graça do gosto ruim, o vômito e o cuspe são consequências. Ela interpreta-os como falta de força para finalizar o ato de consumação (LISPECTOR, 2009, p. 165), mas o botar para fora também é um dos caminhos da boca. Vômito, cuspe, palavras e gritos, são modos de tentar expurgar aquilo que incomoda. Mas eles não são capazes de reverter a união: ela já havia provado o gosto da identidade. De fora para dentro, de dentro para fora, não tinha mais volta: “a coisa neutra é extremamente enérgica, eu cuspia e ela continuava eu” (LISPECTOR, 2009, p. 167).

336

5 CONCLUSÃO

“A Paixão segundo G.H.” narra, por fim, uma experiência religiosa. Não de uma religiosidade judaico-cristã padrão, na qual a salvação está na superação da vida material em direção à transcendência, mas de um encontro profundo com o que é vivo. Se a Paixão de Cristo conta a jornada de sofrimento (*páthos*) de Jesus antes de sua crucificação, culminando na morte e na ressurreição, a Paixão de G.H. trata de outro tipo de morte: a perda da formação humana. Se, nas celebrações cristãs, come-se o corpo de cristo – consagrado e representado na hóstia –, G.H. come o corpo real da barata; irreduzível e irrepresentável. Por mais que ela tente pôr em palavras sua experiência, dar forma ao nada que lhe acometeu, ela sabe que é impossível (LISPECTOR, 2009, p. 12). O neutro não pode ser dito na sua totalidade,



apenas sentido, apenas provado. Essa é a qualidade do divino. “Falar com o Deus é o que mais de mundo existe. Falar com as coisas, é mundo. Eu sei que isso te soa triste, e a mim também, pois ainda estou viciada no condimento da palavra” (LISPECTOR, 2009, p. 161).

O divino está presente no que há de mais real e mais vivo. Ao matar a barata e depois comê-la, G.H. perde sua própria forma. A experiência assustadoramente imanente de misturar as fronteiras entre humano e inumano, a estranheza radical. Cair do pedestal de superioridade que o humano tão prepotentemente coloca-se. Sair do plano humano para entrar na verdade neutra e viva das coisas. “As coisas sabem tanto as coisas que a isto... a isto chamarei de perdão, se eu quiser me salvar no plano humano. É o perdão em si. Perdão é um atributo da matéria viva” (LISPECTOR, 2009, p. 65). Assim, a beatitude, a redenção, o amor, o perdão, a salvação não são atingíveis fora do corpo, abdicando do desejo. É pelo corpo: pelo prazer, pelo nojo, pelo horror e maravilhamento. É no gozo orgíaco das coisas (LISPECTOR, 2009, p. 101).

Deus, nesse sentido, é de uma atualidade e presença total, Ele é ao mesmo tempo tudo que está. Só obtemos Dele aquilo que conseguimos demandar: “A via láctea não existe para que saibamos da existência dela, mas nós sabemos. E nós sabemos Deus. E o que precisamos Dele, extraímos. (...) Só temos de Deus o que cabe em nós” (LISPECTOR, 2009, p. 150). Essa presença espinosana do divino que a autora trás para a narrativa propõe o abandono da esperança – um tipo de adiantamento (LISPECTOR, 2009, p. 146) – para entrar, com confiança, na atualidade do gosto do vivo, do neutro, do nada. “Entregando-me com a confiança de pertencer ao desconhecido. Pois só posso rezar ao que não conheço. E só posso amar à evidência desconhecida das coisas, e só posso me agregar ao que desconheço” (LISPECTOR, 2009, p. 179).

Nessa alegria sem esperança (LISPECTOR, 2009, p. 72) que o corpo de G.H. transgide seus limites ao assimilar a barata. Retomando as categorias das dimensões corporais nos textos clariceanos de Patrícia Silva: é o corpo muscular que mata a barata, que rompe violentamente com a normalidade seca; o corpo erógeno come a barata, no impulso e curiosidade em busca do desconhecido; o corpo biológico vomita a barata, de forma impositiva e involuntária. Essas espessuras do corpo no romance estão em vias do mesmo tema: como lidar com o desconhecido? Como entrar em contato com o mais obscuro das coisas? Nenhuma resposta é suficiente para G.H.: é preciso despir-se das determinações e experimentar o gosto da identidade das coisas. A verdade se mostra pelo sabor, a identidade se consagra ao engolir a alteridade e borrar as fronteiras entre sujeito e objeto. “Perder-se é um achar-se perigoso” (LISPECTOR, 2009, p. 101).



REFERÊNCIAS

338

BACHELARD, Gaston. *As Matérias da Moleza: a Valorização da Lama*. In: *A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre a imaginação das forças*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Guia Alimentar para Crianças Brasileiras menores de 2 anos*. Secretaria de Atenção Primária à Saúde, Departamento de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quer-me-alimentar-melhor/Documentos/pdf/guia-alimentar-para-criancas-brasileiras-menores-de-2-anos.pdf/view>. Acesso em: 04/12/2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. *Guia Alimentar para a População Brasileira*. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. 2ª ed. 1ª reimpressão. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/publicacoes-para-promocao-a-saude/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf/view. Acesso em: 09/12/2020.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASCUDO, Luis da Camara. *História da Alimentação no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

FREUD, Sigmund. *Conferências Introdutórias à Psicanálise*. Obras Completas, Vol. 13. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. *O Infamiliar: Das Unheimliche*. Edição Bilíngue. Trad. Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GONZALES, Lélia. *A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica, Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Org. Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KLEIN, Melanie. *O Desmame*. In: *Amor, Culpa e Reparação e Outros Trabalhos*. Trad. André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira e Editora Três, 1974.

_____. *A Legião Estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ONFRAY, Michel. *A Razão Gulosa: filosofia do gosto*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PFEIFER, Caroline Kirsch. Clarice Lispector e a Voracidade. *outra travessia*, Florianópolis, n. 9, 2009. P. 138-150. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8522.2009n9p139>. Acesso em: 04/12/2022.

PONTIERI, Regina Lúcia. Visões da Alteridade: Clarice Lispector e Maurice Merleau-Ponty. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, 2000. P. 330-334. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/30099?fbclid=IwAR1R4tp8nLObdJe2q0zjYVJOZzwhT8qD0Ztx7w1GS1E9dFbIJ0IxzUQK1Q>. Acesso em: 06/12/2022.

ROSENBAUM, Yudith. As metamorfoses do mal em Clarice Lispector. *Revista USP*, São Paulo, n. 41, 1999. P. 198-206. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28446>. Acesso em: 06/12/2022.



ROTOLO, Tatiana. *Filosofia e Alimentação: quando o pensamento vai para a cozinha*. In: ROTOLO, Tatiana et all. *Laboratório de Cultura e História da Alimentação: práticas de educação e pesquisa*. Vol. 1. Brasília: Editora IFB, 2020.

SILVA, Patrícia de Souza Campos. *O texto e a nutrição: corpos que (se) comem em Clarice Lispector*. Tese (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

WILLIAMS, Claire. Decifra-me ou devoro-te: dimensões da gastronomia ou do gustativo em Clarice Lispector. *Terceira Margem*, Porto, n.2, 1999. P. 29-35. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7380.pdf>. Acesso em: 03/12/2022.

